

DISCURSO pronunciado na sessão solene do
Segundo Congresso Eucarístico Nacio-
nal, no dia 6 de setembro, na Praça
Raul Soares, em Belo-Horizonte.

Eminentíssimo Snr. Cardeal D. Sebastião Leme, Exmos. e Revmos. Snrs. Arcebispo e Bispos, Digníssimas Autoridades Cívís e Militares, meus Senhores e minhas Senhoras.

Sacudindo as fibras mais profundas da alma brasileira, em vibrações intensas de patriotismo e fé, ocuparam esta tribuna, nos dias memoráveis que estamos vivendo, as mais robustas afirmações da cultura e da elevação de espírito do Brasil contemporâneo. E agora, meus Senhores, num gesto ousado que só se justifica na vontade soberana e indiscutível do operariado católico do Brasil, se ergue diante deste microfone, sem o colorido impressionante da retórica, transbordante porém de patriotismo e de fé, a palavra desataviada e sem linha de um homem que glorifica no trabalho a augusta majestade de Deus, bendizendo e transformando em graças a punição divina “ganharás o teu pão com o suor do teu rosto”. Expoente máximo da Justiça, do Amor e da Caridade, fonte de toda a sabedoria, Jesús Cristo na sua passagem luminosa por este mundo caduco e mentiroso, traçou aos homens a única estrada a seguir para a solução verdadeira de todos os problemas que inquietam e apasionam a humanidade e, conhecendo profundamente a podridão humana, Ele estabeleceu como princípio e fim de todas as nossas atividades a sublime máxima “ama o teu

próximo como a ti mesmo”. Ele foi o maior, o mais sábio de todos os sociólogos, o único divino e numa afirmação que permanece imutável através dos tempos ele disse, sem medo de contestação: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Mas o homem, revestindo-se de estúpida pretensão procurou, em nome da civilização e das luzes do século atual, uma outra verdade, um outro caminho, uma outra vida e nesse deslocamento de estrada o homem encontrou o que? Infeliz. Mais alto do que eu, fale na expressão brutal dos seus horrores o bolchevismo, essa doutrina exótica, forjada no próprio fogo do inferno e que eu considero o último reduto de uma mentalidade que se bestialisou sob o influxo de um materialismo idealizado e corporificado, para saciar a lascívia e as paixões, os vícios e as misérias morais daqueles que não podem tolerar a Deus, porque Deus é o abismo de tôdas as virtudes. Mas, fôrça é proclamá-lo, nesse embate gigantesco que aí está, travado entre o erro e a verdade, a justiça e o crime, o vício e a virtude, entre as civilizações cristã e pagã, muitos católicos, pelos seus exemplos, pelas suas ações e pelas suas atitudes, transformam-se na mais poderosa arma de que se serve o inimigo audaz e inteligente, na ânsia incontida de solapar a moral de Cristo. E no campo, na fábrica e na oficina, êles, os maus católicos, se erguem como a maior negação do Evangelho divino do Divino Mestre. País essencialmente cristão, povo tradicionalmente católico, o Brasil não comportaria por certo, a mais leve sombra de propaganda de ideologias malsãs, se nós, cristãos e católicos, não cooperássemos eficientemente para que os “cavalheiros da esperança” ignorassem ou duvidassem que a Igreja, pela voz autorizada dos seus Pontífices, condena a exploração do homem pelo homem, que a Igreja condena transformar em sangue o suor quente que corre pelo rosto brônzeo do nosso caboclo que vive no campo, erguendo ao sol o seu machado reluzente na derribada impiedosa e causticante do cedro frondoso, do negro e rijo jacarandá, que a

Igreja condena a subjugação, debaixo do tacão das botas dos escravistas modernos, de tôdas as justas, ordeiras e cristãs reinvidicações do homen que vive na oficina e do homen que desce e arranca das entranhas da terra as riquezas exuberantes com que a Divina Providência se dignou prodigalizar a terra bendita e generosa de Santa-Cruz, que a Igreja condena a exploração da criança operária, que a Igreja, enfim, exige que se envolva a mulher operária numa assistência carinhosa e eficiente, em todos os departamentos de sua condição, maximé quando, esta mulher em êxtases do mais puro e sacrossanto de todos os amores, o amor de mãe, prepara-se para dar ao mundo, animados pelo seu próprio sangue, o Brasil do futuro, a Igreja militante de amanhã. Não são precisos vastos conhecimentos para se compreender a Babel imensa que o mundo hoje representa. Congressos, conferências, discursos, tratados, mudanças de regime, tudo se faz, tudo se emprega na salvação do mundo, e o mal permanece imutável. Até as guerras são invocadas como meios de estabelecer a ambicionada felicidade terrena, como se fôsse possível erguer um castelo de felicidades, tendo por base a miséria dos órfãos, as lágrimas das viúvas, a desgraça, a fome e o luto dos nossos semelhantes.

E no entanto o mal permanece imutável, tem-se a impressão de que são contraproducentes os meios empregados pelo homem para a salvação do grande doente. E' que a razão maior, senão única, dos males que asfixiam o homem, meu Deus, é o próprio homem.

E nessa hora, para mim memorável, em que unidos pela doce incompreensibilidade da fé se nivelam e se igualam todos os homens diante de Jesús Cristo, Brasileiros que me ouvís, homens do Capital ou do Trabalho, Governantes ou governados, não importa, brasileiros, ouví! Para a glória de Deus e felicidade da Pátria estremecida e ameaçada, para o bem das nossas famílias e da nossa sociedade, façamos dêste segundo Congresso Eucarístico

Nacional, o plectro mavioso ao som do qual, nós possamos dedilhar a lira da verdadeira felicidade, em hinos triunfais de Amor, de Justiça e de Caridade.

Brasileiro que me ouves, se tens nas mãos alguma parcela de responsabilidade nos destinos do nosso povo, antes de ordenar, antes de legislar, Sursum Corda, se és homem do Capital, antes de negar, antes de ceder, Sursum Corda. Se és operário, meu irmão na luta e no infortúnio, antes de pedir, antes de exigir, antes de arvorar o estandarte rubro da revolta, Sursum Corda oh sim! mil vezes Sursum Corda.

E se para isso vos faltarem as energias precisas, lembrai-vos que não é do homem que essas energias hão de emanar, porque o homem é a encarnação viva da fraqueza, o homem só por si, nada resolverá. Manancial de tôdas as energias, de tôdas as fôrças e de todos os bens é Jesús Cristo, consubstanciado na espécie de Pão, no Santo Tabernáculo, na Hóstia Santa, na Santa Eucaristia. Aí é que está o Pão da Vida. O homem que não comer dêste Pão, por maior e mais forte que seja o seu poder na terra, a sua fôrça e o seu prestígio, não terá em si a verdadeira vida, nêle viverão apenas as fragilidades humanas, porque é sòmente comendo o Pão da Vida que as nossas almas começam a luzir numa claridade divina, na expressão feliz do P. Rohden, à semelhança do ferro que os ardores do fogo penetraram da sua própria incandescência. Nós, os trabalhadores brasileiros, já deixamos, exuberantemente demonstrada a nossa veemente repulsa ao comunismo, a maior de tôdas as pestes de que há memória no mundo. E a última demonstração dessa repulsa, que é o traço característico da nossa proletária gente, foi quando há pouco um grupo de brasileiros desviados quiseram fazer da fome, das misérias e da triste condição do trabalhador brasileiro o cavalo de pau dentro do qual êles pretendiam a tomada da Tróia nacional. Mas, brasileiros que me ouvís, a Ação Católica, tão brilhante e exhaustivamente estudada e definida nesse Con-

gresso, faltaria a uma das suas altas finalidades, se perdesse para o Cristo Operário, para o Cristo do Calvário, para o Cristo Eucarístico a grande massa do proletariado brasileiro. E lembrai-vos que Lima Júnior afirmou, com sobrada razão, que fora do verdadeiro cristianismo o comunismo seria legítimo e até necessário. Seja, pois, a nossa maior homenagem, a homenagem de tôdas as classes sociais a Jesús Cristo, Prisioneiro Divino na Santa Eucaristia o esforço sempre crescente de defendermos mais com o exemplo do que com a palavra, o sublime código moral que encerra o Evangelho de Cristo. E como não transbordará de santa e justa alegria o grande coração dêste homem que é a maior expressão da catolicidade brasileira, honra e glória do Brasil católico, nosso Pai e nosso Chefe ante o qual humilde e respeitoso se curva o operariado católico nacional, o Eminentíssimo Cardial da Ação Católica, D. Sebastião Leme. Pai carinhoso que dá a vida pela vida dos seus filhos extremosos, chefe sereno e enérgico que poderá, assim, dizer como aquele grande cabo de guerra, é fácil a missão de comandar homens cristãos, homens católicos, basta mostrar-lhes o caminho do dever. E para terminar eu faço minhas, neste momento, tôdas as aspirações justas, cristãs e legítimas do operariado católico brasileiro, brilhantemente representado neste segundo Congresso Eucarístico Nacional, por numerosas embaixadas do norte, do centro e do sul do país, num apêlo que é a minha própria alma rasgada e escancarada ante todos os poderes públicos do Brasil, legislativos e executivos, federais, estaduais e municipais, no sentido de que, para a glória de Jesús Eucarístico, da Pátria Brasileira, da Religião, da Família e da Sociedade, nos defenda contra os exploradores do proletariado nacional, no mais eficiente combate ao comunismo, feito automaticamente na defesa serena e na prática salutar dos sábios ensinamentos da civilização cristã. O Brasil ainda não está perdido. Cumpre aos homens que o dirigem, levá-lo à grandiosidade dos seus destinos, dignifi-

— 152 —

cando-o e engrandecendo-o na dignidade e no engrandecimento de uma das suas fôrças mais vivas — o proletariado.

E' essa a missão histórica que lhes está reservada na hora apreensiva que passa.

E' essa a graça imensa que, contritos aos pés de Jesús Operário, de Jesús Eucarístico, incessantemente suplicamos. E com as bênçãos de Deus, teremos assim um Brasil grande, livre e feliz, dentro de um Brasil ainda mais grande, mais livre e mais feliz.